Mario Monteiro

A TROÇA

N.º 2 BI-MENSARIO DE CRITICA IRREVERENTE

Tiragem 2:000 exemplares **Venda avulso em Lisboa, Porto e Coimbra**

Dezembro de 1906

COIMBRA
Typographia de M. Reis Gomes

NINGUEM COMPREHENDE A NECESSIDADE QUE HA D'ESCREVER COMO SE PENSA E COMO SE FALA, LIMPIDO, CLARO, BRUTAL, SIMPLES E CERTO, VEHEMENTE OU PLACIDO SEGUNDO O VEIO D'AGUA DO ASSUMPTO, PRECIPITADO OU ESPRAIADO, CONSOANTE O TEMPERAMENTO EMOTIVO DE QUEM ESCREVE, E SINCERO SEMPRE, ARRANCADO D'ALMA, E EMPREGANDO COMO SHAKESPEARE DIZ, PARA A PEIOR IDEIA, A PEIOR PALAVRA.

FIALHO D'ALMEIDA

SUMMARIO:

VIII. **A critica actual.** — Os criticos, os cogumelos e as ninhadas de ratos. Como a multidão os contempla e como eu me riu d'elles. A critica insulto e a critica sensata... por milagre. Como surgem os criticos. O seu talento *de reflexo*. A critica por snobismo ou a litteratura de macaco. Os modelos e o baptismo dos folhetos. Falo de alexandrinos. Os criticos *maricons* censores de V. Hugo e de Zola. O seu medo ás lesões... Os criticos bandalhos. Quem elles são...

IX. **A' semelhança...** — Miss Evans e o seu album de beijos. As suas opiniões e esperanças. O meu album parodia de productos... gazosos... A analogia entre esses productos e o talento dos auctores...

X. **Insistindo...** — O velho Mosteiro de Santa Clara e o abandono em que se encontra. O desprezo pelo que é nosso. Um convento abegoaria e celleiro. O que pensarão de nós? Um alvitre justificado.

XI. **Picadelas de alfinete...** — *O Paiz* — o manifesto d'um grupo de estudantes e o que elle vale como arma de combate e como documento litterario. *A Sombra do quadrante*, de Eugenio de Castro. Onde Eugenio de Castro, um artista de buril nos apparece um artista de emoção. *Tricanas e futricas*. O que disse um jornal da provincia. O que vem a ser *tricana* e *futrica* e o sentido falso que anda ligado a estas duas palavras. A verdade. *Novos poemas* de M. da Silva Gayo, O que disse um critico manhoso e a opinião da *Illustração Portugueza*. Silva Gayo entre Camillo e Garrett .. — O que eu penso...

XII. **A Falpêrra.** — A' tôa, pelas ruas da cidade. A sua hygiene e vida nocturna. D'onde provém a falta de união que existe na academia. As manias aristocratas e a sua razão de ser... *Spleen* e colletes de phantasia. Em triumpho. O aspecto actual das noites de Coimbra. A falta de animação. A batota e seus effeitos. A capa e batina transformada em bacamarte de salteador O jogo — *modus vivendi* e o cynismo academico. A Falpêrra melhor campo de operações...

VIII

A critica actual

NESTE lindo paiz vagamente saudoso, onde o ceu é claro, limpido, e as madrugadas rebentam em flôr, como um sorriso brincando nuns labios frescos de mulher galante, onde a paisagem febril, suavemente dolorida, palpita e sente como nós, quer sob a caudal vivificante d'um sol magestoso e quente, quer sob os raios da lua, essa foice que vae dilacerando os ceus emquanto envolve a terra numa poeira de luz que nos faz evocar as rainhas moiras das balladas ou das canções de amor com que nos embalaram no berço, — não sei porque estranho acaso, a má lingua impera, é quasi uma instituição nacional e os criticos pululam ás centenas, aos milhares, como se fossem cogumellos ... como ninhadas de ratos promptos a roer o soalho carcomido da nossa litteratura contemporanea ... E, passeando as

ruas da cidade, por entre a multidão que se lhes roja aos pés como um Budha extatico, assombrado, na contemplação d'uns grandes genios cujo valor não attinge mas suppõe ser collossal pelos ares de pompa que exteriormente sempre lhes conheceu, — é vel-os caminhar, de vento em pôpa, fazendo as delicias da conversa, o regalo das damas, o immenso terror dos pequenos e o receio dos maioraes que temem ser alvejados e ver a descoberto todas as mazellas e faltas de criterio que lhes serviram de pedestal. Eu, porem, que os conheço, que sei perfeitamente quanto valem e quanto querem valer, aperto as mãos nas ilhargas para largar a rir, a bandeiras despregadas, perante essa corja de talentos de rodopio que fazem da critica não a maneira de expressar a justiça ou injustiça das suas opiniões mas uma arma nojenta de ataque pessoal, torpe, reles, que não raras vezes vêm a descambar em insulto . . .

Em Coimbra, por exemplo, onde fervem, a cada passo, os pamphletos de pseudo-critica, só por milagre, lá de tempos a tempos, apparece uma individualidade que pensa por si, isento de pressões extranhas, e diz tudo quanto sente com um desassombro admiravel fazendo justiça a todos sem acintes, sem ressentimentos mesquinhos que quasi sempre são perniciosos de futuro . . .

Mas, em compensação, de cada esquina, surge um Fialho falsificado, pataqueiro, de ventas no ar, a quem tudo cheira mal, na estupida pretensão de autopsiar o meio em que vegeta como parasita litterario cujo talento *de reflexo* lhe vem com as muletas a que se appoia, ou

com a sombra da boa arvore a que se encosta, como diria o povo, o eterno philosopho, na sua linguagem rude e pittoresca.

É assim que alguns, e esses em maior numero, armam de subito em iconoclastas, sem base, por um snobismo parvo, fazendo litteratura de macaco, transformando o pamphleto num duvidoso processo de enxertia, para vingarem como gente neste magnifico terreno bolorento, fertil em cultura de tal jaez, e acoimam certos auctores de maus poetas só pelo simples facto de não terem *cotterie* ou de urdirem peças theatraes em versos de sete syllabas(!) como o fez, a par de tantos outros, Fernando Caldeira o delicado poeta da *Madrugada*... Outros, descendo, como imbecis que são, ao ataque pessoal, promettendo fazer sobre certos personagens uns mal alinhavados estudos psychologicos, sem pés nem cabeça, que nada têm de verdadeiro nem de original, julgam-se guindados ao apogeu da gloria e caminham impavidos, hirtos, immensamente grotescos, numa pose tola, estudando talvez a melhor posição, o gesto mais caracteristico com que desejam passar á posteridade que lhes ha-de tributar a sagração dos hymnos.

Baptisando os seus folhetos com titulos que cheiram logo a trabalhos de palhaço, esquecendo-se de que não offende quem quer mas quem pode, vão, por falta de recursos proprios, copiar, as mais das vezes, as ideias d'aquelles que pretendem atacar, sem informações precisas, num grande ar de homens de saber que os rebaixa cada vez mais e os faz sempre deitar asneira! ...

Ha porem criticos de reconhecido merecimento, para quem abro uma honrosa excepção, que apreciando e commentando o que vêem, fazendo mais ou menos justiça, entre outras coisas, escorregam em apodar de *metricamente* errados os alexandrinos em que apenas, segundo a sua maneira de ver, poderiam encontrar um erro de forma — a falta da divisão em hemystichios — que eu, seguindo mais ou menos o exemplo continuo d'alguns dos melhores mestres contemporaneos, passo em claro quando consigo obter para o verso a harmonia de que necessita depois de medido e accentuado. Outros então, numa voz aflautada de perfeitos *maricons,* frequentadores assiduos das livrarias onde mexem e remexem as estantes fazendo litteratura de lombada, falam, simulando enfado, com uma revoltante e espantosa irreverencia de Zola e Victor Hugo em quem ridiculamente dizem notar alguns defeitos graves . . . e temem as lesões cardiacas em presença de periodos um pouco extensos porque, tendo as veias repletas de orchata e de agua chilra, não querem perceber que se deve deixar correr o pensamento á vontade sem a preocupação palerma de o vestir fabricando periodos de certas dimensões.

Mas fazendo peior, muito peor do que isso tudo, essa crapula traiçoeira, vergonhosa, de pulhastres a quem usam chamar — *criticos* (!) — esses troca-tintas bandalhos que deviam ser corridos a chicote ou expropriados por utilidade publica, não sentindo coisa alguma do que dizem, pouco satisfeitos ainda com essa irritante e pavorosa falta de criterio, não têm a

menor hesitação em lançar um labeu infame, muitas vezes sem provas, sobre a reputação de alguem desde o momento que essa pontinha de escandalo lhes possa trazer ás mãos uns miseros vintens producto liquido das bugigangas que fazem publicar...

E se procurarmos saber mais minuciosamente quem são taes senhorias, tão colossaes talentos que, desorientando, orientam a opinião publica e andam sempre cortejados e queridos como todos os parvos e atiradiços, segundo dizia Camillo, lá teremos a eterna palavra do romeiro brincando nos ouvidos e saberemos então que as suas caras edições de luxo, descendo consideravelmente de preço, se vendem pela miseria de meio tostão á porta da Neves, em Lisboa, e as suas malfadadas primicias são accusadas pelas gazetas mais manhosas da provincia, sob a designação d'um lindo — feixe de de versos — que é como quem diz um feixe de palha ou um monte de esterco!...

IX

Á SEMELHANÇA...

Dizia um jornal qualquer:

> Uma menina ingleza, miss Evans, acaba de inventar uma nova especialidade de albuns. Havia-os de sellos, de autographos, de bilhetes postaes; agora ha os de beijos!
>
> Neste album, os pensamentos, os bilhetes, são substituidos por um beijo visivel...
>
> Eis como se dá o beijo: sobre uma placa estende-se uma substancia inoffensiva, côr de carmim. A pessoa convidada para as honras do album, córa os labios com essa substancia e beija seguidamente a pagina branca do album que lhe é reservada.
>
> — Em geral, imagina-se, declarou miss Evans a um reporter que a entrevistou, que todos os beijos se parecem. Profundo engano. Tenho já duzentos no meu album, todos differentes. Ha-os grandes e pequenos, energicos e brandos, largos e estreitos.
>
> Até agora miss Evans não tem collecionado senão beijos dos labios de sua familia e das suas amigas intimas, mas propõe-se solicitar beijos de homens celebres e tem, de resto, a firme esperança de recolher beijos... originaes!

Acredito... e peço, desde já, a especial

fineza de communicarem á alliada miss que eu, simples mortal, parodiando, mais ou menos originalmente, a sua extravagante ideia, vou começar a recolher dos talentos cá do meu paiz, por intermedio de alguem interessado, certas coisas que, a fixarem-se sobre o papel, bem podem dispensar qualquer materia córante e devem assentar como oiro sobre azul nas paginas do meu album previamente perfumado.

E, depois, ao ser entrevistado por qualquer reporter atrevido que ouse incommodar-me para enviar o meu nome ás gazetas, eu hei-de frisar o mais que possa, demonstrar cabalmente a existencia de alguma, senão grande, analogia entre esses productos gentis e o talento dos seus auctores, d'esses genios colossalissimos perante os quaes todo o velho Portugal se curva e cae de cócoras...

X

Insistindo...

(Carta á Sociedade de Propaganda de Portugal (1). Como se apresenta aos visitantes extrangeiros o velho mosteiro de Santa Clara, em Coimbra.)

ACOSTUMADOS ha muito a curvar-nos servilmente perante a magnificencia de tudo quanto não seja nosso, deixamo-nos arrastar, sem ao menos tentarmos reagir, nessa adulação inexplicavel e injusta não zelando o que nos interessa, tudo o que nos diz respeito, e, d'ahi, a razão porque estão continuamente succedendo factos que são deveras compromettedores para o nosso bom nome de

(1) Publicada em quasi todos os diarios portuguezes. Não tendo, porém, conhecimento da resposta que a Commissão dos Monumentos Nacionaes deu á participação que, sôbre este assumpto, lhe foi feita pela Sociedade de Propaganda, eis a razão porque insisto.

portuguezes, filhos d'um paiz bem pequenino na verdade, mas de certo o de maior alma entre todos os povos que conheço.

É por isso que eu, empregando todos os esforços para me libertar d'essa corrente deveras prejudicial e nefasta e, sabendo que tambem assim pensaes e procedeis em beneficio de todos nós, venho lembrar-vos qualquer coisa de bom e de util que está dentro do vosso plano de trabalho e que convem ponderar com a maxima brevidade.

Ninguem ignora, julgo eu, que o velho mosteiro de Santa Clara, em Coimbra, foi, outr'ora, talvez o mais augusto templo que se orgulhou de possuir esta terra de Heroes, *ditosa patria* de Poetas e Navegantes, pois que, nas suas dependencias, viveu Ignez de Castro, dentro dos seus muros, habitou D. Izabel de Aragão, debaixo do seu tecto, encontrou refugio a princeza Santa Joanna, dentro do seu pulpito, prégou o arcebispo D. Frei Bartholomeu dos Martyres, d'ahi saíu, essa *misera e mesquinha* para, depois de morta, ser rainha e ahi se casou D. Duarte *por se estrear bem* como elle proprio o confessou. — No entanto, com bastante pesar o digo, esse mosteiro, sentinella do passado, reliquia veneranda d'esses tempos que já lá vão, em que havia mais brio e pundonor, ameaçando sepultar-se, dia a dia, cada vez mais, nas areias do Mondego que já lhe occultaram uma grande parte, acaba de receber a enorme e aviltante affronta de lhe caiarem alguns capiteis, de lhe mutilarem outros, de lhe collocarem uma chaminé e uma varanda de ferro, tudo quanto ha de mais moderno, que lhe desfeia a

fachada que olha para o antigo *Ó da ponte,* tudo isto depois de ter servido de abegoaria e de celeiro . . . facto que eu já em tempos lamentei no meu livro *Coimbra.*

Ora é neste lastimoso estado em que se encontra actualmente, num desrespeito mil vezes peor que o mais completo abandono, que o seu proprietario o deixa visitar por extrangeiros dispensando comtudo todos os seus carinhos e disvelos á chamada *Fonte dos Amores* que, admittindo a ficção poetica de Camões, não é a verdadeira como provo num artigo que publicarei brevemente. E esses visitantes que entram na dôce esperança de contemplar os restos preciosos d'uma antiga grandeza que elles ás vezes conhecem melhor do que nós, vão encontrar capiteis, trechos de altares, frisos, tudo coberto de cal com infamantes vestigios de mãos de ignorantes e selvagens que, francamente, por varias vezes, me têm collocado na dolorosa espectativa de ainda chegar a ver a frontaria do magestoso templo de Santa Cruz adornada com quaesquer pinturas arte-nova . . .

E, ao sahir de Coimbra, terra de sonhos, de lindos trovares, de grandiosas recordações historicas, esses extrangeiros levam em suas mentes a convicção profunda de que não é só em Coimbra mas sim em todo o Portugal que ha selvagens, pois que os *Guias* de que fazem uso apontam-lhes esse Mosteiro tão bem cuidado como estaria se fizesse parte dos monumentos da sua nação.

E' para evitar scenas identicas, d'ora avante, que eu venho pedir-vos, como portuguez que sou, que empregueis todos os meios que esti-

verem ao vosso alcance para que a vossa Sociedade, das duas uma, ou consiga que esse monumento, por todos os motivos digno do nosso respeito, seja adquirido pelo Estado e seja incluido nos monumentos nacionaes, depois de convenientemente restaurado e desenterrado das areias, o que se póde fazer segundo prova o sr. Adolpho Loureiro na sua *Memoria do Mondego e barra da Figueira,* — ou então, caso o proprietario o não venda ou o estado o não compre, depois de procurar salvar tudo o que fôr possivel como, por exemplo, a rosacea de cantaria que existe sobre a denominada *porta da rosa,* evite mais e maiores vergonhas mandando eliminar dos novos *Guias* todas as referencias que os antigos e os actuaes fazem ao Mosteiro, para que o extrangeiro que nos visita não nos possa continuar acoimando, justamente, de selvagens.

E, assim, tanto eu, como vós, teremos cumprido um dever e teremos salvo o nosso nome enterrando entre os vivos uma obra que nos seus capiteis, nos seus arcos, nos seus frisos, em cada pequenina pedra, encerra poemas tão cheios de ensinamentos e de recordações que só quem não souber um pouco de historia patria, por muito pouco que seja, é que os não póde comprehender porque, felizmente ou infelizmente para nós, o nosso passado está tão cheio de colorido e luz que, apezar de todos os vandalismos commettidos para com a sua memoria, tem-nos allumiado o Presente e ha-de allumiar-nos o Futuro!

XI

Picadelas de alfinete...

Ao Paiz *(manifesto dos estudantes revolucionarios (?!) de Coimbra).*

Verdadeiro attestado de ineptidão cujo valor é completamente nullo quer como arma de ataque, um desconchavo de palavras sem argumentos, quer como documento litterario, um arrieiro de capa e batina fallando muito á sua vontade...

No entanto guardarei esse pedaço de papel para, dentro em pouco, gosar a coherencia de quasi todos os que assignaram, uns por snobismo, outros para aproveitar a primeira occasião que se lhes offerecia de vêr o seu nome em lettra redonda...

A Sombra do quadrante — *de Eugenio de Castro*

Com tão grande exhuberancia e arrojo de imagens, com tal firmeza de technica e belleza de estylo, este ultimo trabalho do Poeta é incontestavelmente

uma obra-prima. Desviando-se já muitissimo da hypertrophia d'essa obcecação constante que o dominava, fazendo-o apenas esquadrinhar ou forjar umas dezenas de rimas excepcionaes e bizarras, o auctor dos *Oaristos* apparece-nos agora numa aureola de originalidade que encanta e com *A Sombra do quadrante* consegue despertar emoções novas. Percebe-se muito bem que Eugenio de Castro o fino artista, outr'ora sedento de côr, rebuscando uma opulencia de termos que dizia sómente para os raros, quiz escrever agora para toda a gente e d'ahi o sentir-se, neste livro, muito mais á vontade, sem *gaucherie*, numa alta comprehensão da arte, impregnando nos versos um sopro de vitalidade que domina e arrebata.

Nos *Oaristos*, como em quasi todas as suas obras, Eugenio de Castro entregou-se mais ao culto da fórma, ao impeccavel burilar do verso do que a ceder-lhe parte da sua emotividade, não passando, d'esta maneira, d'um inexcedivel artista com habilidade.—N'*A Sombra do quadrante*, deixando fallar mais alto o sentimento, apresenta-se-nos um artista com alma e, para mim como para toda a gente, julgo eu, vale muito mais uma pequenina quadra feita com alma do que um longo poema feito apenas com arte!

E' assim que nos deram a dulcificante impressão d'uma aguia imperial

descendo lá das alturas para vir brincar lealmente, ingenuamente, com cinco pombinhas mansas, aquelles cinco sonetos offerecidos aos filhos que o Poeta finalisa deliciosamente por esta fórma:

> Comparando-a aos irmãos, fico pensando
> Que, sendo ella a mais novinha, é ella
> O filho com quem hei de viver menos. .

Tricanas e futricas... — A' imitação do que disse Annibal Soares, o republicano-academico-pratico-regenerador, n'*O Jornal da Noite,* referindo-se ás fogueiras do S. João, e na *Illustração Portugueza,* fazendo a apologia da tricana, — num jornal da provincia, em chronica de Coimbra, segundo me dizem, firmada por um estudante que pretendia demonstrar que o odio (?!) do futrica ao estudante é hereditario, lia-se isto pouco mais ou menos:

> «...porque, atravez de successivas e incontaveis gerações, a bastardia indigena, abandonada aqui pelos estudantes, tem-se amalgamado e confundido, tempos fóra, de tal maneira, que muito não avança quem affirmar que raro é o *futrica* cuja ascendencia, talvez remota, não vá entroncar em vergontea de moço academico.
>
> De tudo resulta, naturalmente, o *futrica* ser reservado e poltrão, com linhas d'hypocrita, malleabilidades de serpente, delambidellas de beata falsa, emquanto vae explorando, roubando com verdadeiro descaro, sugando...»

E' que o illustre chronista, vendo os *futricas* pelo mesmo prisma porque deve ser vista a maior parte dos seus collegas, julga as gerações transactas da mesma força da actual e por isso fala com tamanha insistencia nos poltrões e nos hypocritas hereditarios...

A'cerca da tal *ascendencia* a que faz allusão, é bom acabar-se duma vez para sempre com essa lenda infame inventada não sei quando nem por quem que allia á palavra — estudante — a ideia de — tricana — numa desenvoltura endiabrada, provocante, sensual, e que tem dado assumpto para montões de salganhadas dum romantismo pifio que desperta o riso.

E' bom que se diga que isso de *tricanas* é quasi sempre uma palavra bonita de que os illustres criticos, de ha uns tempos para cá, indevidamente costumam servir-se para designar as rameiras das viellas, as suas modernas Dulcineas del Toboso, que têm gerado dezenas de academicos... e que tanto os *futricas* como os *estudantes* que se odeiam e arranham, lá de quando em quando, pelas ruas da cidade, são meia duzia de garotos de parte a parte que nada têm de artistas sensatos nem de estudantes prudentes e civilisados...

Novos poemas — *de Manuel da Silva Gayo.*

Livro onde ha versos que se podem di-

zer pessimos e versos de muito merecimento. Segundo um critico manhoso que, para ahi, appareceu ha dias:

> Manuel Gayo tem em si o defeito *de artista* de não poder exteriorisar as lincoisas que os seus versos nos fazem entrever.

De maneira que o merecimento do livro não depende do seu valor intriseco, mas varia conforme a imaginação mais ou menos viva de cada leitor que é quem neste caso vem a ter os direitos de paternidade . . .

Segundo a *Illustração Portugueza,* Silva Gayo, mixto de Camillo e de Anatole(!), deve ser collocado, sem desdouro para ninguem, *entre Garrett, Latino, Camillo e Eça.*

Eu, não tendo por costume correr a foguetes, direi simplesmente que Sua Excellencia, o sr. Gayo, deve continuar a ficar sentado, a uma das mezas d'*O Luzitano,* entre Eugenio de Castro e Pedroso Rodrigues... que fica muito bem...

Um passaro . . . entre Camillo e Garrett!

Esta não lembra ao diabo! . . .

XII

A Falpêrra

ENVOLTO na minha capa negra de estudante, nesse trapo que marca, apesar de tudo, a phase melhor da nossa vida por mais gloriosa que seja, sob a algidez suave d'esse luar magnifico das ultimas noites asperas, frias e cortantes como gumes acerados de punhal, entretido, como um *sereno,* a percorrer as ruas immundas, cheias de podridão, de miasmas, que todos saudam em nome da hygiene, eu, confesso-o francamente, não tenho conseguido encontrar mais do que meia duzia de collegas, restos, veneraveis reliquias, d'essa bohemia antiga, inoffensiva, espirituosa, da tão apregoada esturdia coimbrã dos nossos velhos...

Ah! como deviam ser bons esses tempos que já lá vão e não voltam, em que não havia entre as capas e batinas a fragmentação estupida, miseravel e tola, esse pulhismo reles de manias aristocratas, de pergaminhos duvidosos, de fidalguias que dizem oriundas de velhos avós que fizeram abater os crescentes, pôr em fuga os turbantes da moirama e que afinal

vão parar nalgum aguadeiro ou sapateiro de escada que ganhava a sua vida honestamente, sem pretensões . . . e longe, muito longe, de saber que tinha forjado, sem quê nem para quê, uma bonita série de parvos cheios de *spleen* e de brazões arranjados não sei como mas que lhes dão um certo ar de pompa que, na verdade, não deixa de ter o seu *tic* de graça, um sabôr exquisito e deveras encantador!

E, ei-los que chegam, *gentlemens*, caricatamente Petronios, reclameando os seus vistosos colletes de côr, talvez á imitação dos que eu tenho usado e que suas senhorias tantas vezes censuraram por berrantes de mais, acompanhando a censura d'aquelle sorriso alvar tão conhecido e que denota apenas uma idiotia sem possibilidade de cura que me faz rir e me causa dó! . . .

Quando os sinto a meu lado ou os vejo passar em triumpho, olympicos, á luz vibrante e clara do sol, eu chego a perguntar a mim mesmo qual será a razão porque esse astro brilhante illumina sempre o caminho a bandos enormes de patifes deixando-os seguir na senda *gloriosa* que encetaram e não entra, as mais das vezes, em jorros quentes e festivos pelas vidraças partidas de qualquer casebre em ruinas, humido e frio, onde a miseria assentou seus arraiaes e onde a riqueza não quer entrar por ahi viver tambem a honestidade.

E fico-me a recordar todas estas minhas impressões de mau observador até que me arrasta, de novo, o subito desejo de caminhar para deante, de vêr mais, de vascolejar bem a vida nocturna da cidade percorrendo os seus

bairros de miseria, a alta, a baixa, por onde me tenho aborrecido, sem, ao menos, sentir a satisfação de encontrar, como outr'ora, no meu caminho, ás vesperas de feriado, grupos alegres de collegas conversando, rindo, commentando os casos do dia depois de lhes terem lançado por cima o competente sal do ridiculo. Agora não. Tudo é ermo, solitario, e esta velha cidade que d'antes rebentava a rir ou a chorar, por todos os cantos, em noitadas infernaes de estudantes ou maviosissimas serenatas de amor, faz-me lembrar um tumulo enorme, tetrico, desolador, onde se percebem, ainda que indecisamente, quaesquer signaes de vida como o bater das cartas sobre as mezas de batota...

... E eis aqui a razão porque a academia não apparece como antigamente...

E' que os meus illustres e dignos collegas, na sua maior parte, servindo-se da capa e da batina como d'um bacamarte de salteador de estrada, dão-se ao luxo de mobillar esplendidamente os seus quartos enchendo-os de attractivos e de conforto para chamarem mais facilmente a concorrencia de todos aquelles de quem se dizem amigos intimos e a quem fazem desapparecer a magra ou magnifica mezada transformando este *ingenuo* passatempo num repugnante *modus vivendi* que os faz sorrir alegremente, pela vida fóra, felizes e descuidados num cynismo revoltante que pede um escarro em pleno rosto...

O que me parece é que os briosos academicos escolheram muito mal o seu campo de operações...

Com tamanhas habilidades profissionaes de

hypocrisia e de canalhismo... essa cafila de bandidos, de refinadissimos batoteiros, deveria fazer muito melhor carreira na Falpêrra ou no pinhal da Azambuja... onde, ao menos, se rouba, aggressivamente, sem protestos de sympathia e de leal camaradagem...

Prevenção

Todo o exemplar aberto considera-se vendido.

30 REIS

SUMMARIO:

VIII. **A critica actual.** — Os criticos, os cogumelos e as ninhadas de ratos. Como a multidão os contempla e como eu me riu d'elles. A critica insulto e a critica sensata... por milagre. Como surgem os criticos. O seu talento *de reflexo*. A critica por snobismo ou a litteratura de macaco. Os modelos e o baptismo dos folhetos. Falo de alexandrinos. Os criticos *maricons* censores de V. Hugo e de Zola. O seu medo ás lesões... Os criticos bandalhos. Quem elles são...

IX. **A' semelhan'a...** — Miss Evans e o seu album de beijos. As suas opiniões e esperanças. O meu album parodia de productos... gazosos... A analogia entre esses productos e o talento dos auctores...

X. **Insistindo...** — O velho Mosteiro de Santa Clara e o abandono em que se encontra. O desprezo pelo que é nosso. Um convento abegoaria e celleiro. O que pensarão de nós? Um alvitre justificado.

XI. **Picadelas de alfinete...** — *O Paiz* — o manifesto d'um grupo de estudantes e o que elle vale como arma de combate e como documento litterario. *A Sombra do quadrante*, de Eugenio de Castro. Onde Eugenio de Castro, um artista de buril nos apparece um artista de emoção. *Tricanas e futricas*. O que disse um jornal da provincia. O qne vem a ser *tricana* e *futrica* e o sentido falso que anda ligado a estas duas palavras. A verdade. *Novos poemas* de M. da Silva Gayo, O que disse um critico manhoso e a opinião da *Illustração Portugueza*. Silva Gayo entre Camillo e Garrett .. — O que eu penso...

XII. **A Falpêrra.** — A' tôa, pelas ruas da cidade. A sua hygiene e vida nocturna. D'onde provém a falta de união que existe na academia. As manias aristocratas e a sua razão de ser... *Spleen* e colletes de phantasia. Em triumpho. O aspecto actual das noites de Coimbra. A falta de animação. A batota e seus effeitos. A capa e batina transformada em bacamarte de salteador O jogo — *modus vivendi* e o cynismo academico. A Falpêrra melhor campo de operações...